

CAPÍTULO 10

Desafios da Mãe Atípica

Geovanna Marcelle Silva Beltrami

<https://doi.org/10.4322/mp.978-65-84548-37-4.c10>

Olá, meu nome é Geovanna Marcelle, tenho 30 anos de idade. Casei-me aos 20 anos com o amor da minha vida e, após quase 3 anos de casados, descobri que estava grávida! Foi um susto enorme – e ao mesmo tempo uma mistura de sentimentos –, pois eu estava no primeiro semestre da faculdade que eu amava (Nutrição). Tive medo de não dar conta! Não dar conta tanto dos estudos quanto de ser uma boa mãe. Muitas vezes eu passava noites e noites pensando sobre quando o bebê iria nascer, sobre quem ficaria com ele, sobre questões da rotina com a maternidade e com a faculdade. Esses pensamentos me deixavam ansiosa e me atormentavam muito porque sempre fui uma pessoa responsável e queria sempre dar o meu melhor em tudo o que fazia. Como mãe não seria diferente.

Os primeiros meses de gravidez foram muito sofridos. Eu passava muito mal todos os dias. Quando ia à faculdade, era um desafio, pois os enjoos não me deixavam permanecer por muito tempo lá, tanto o cheiro de perfumes quanto o cheiro de comida me causavam ânsia de vômito! Por tudo isso, não conseguia ficar na faculdade por muito tempo.

Após exames de rotina na gravidez, descobri que estava com pressão alta, que teria que tomar medicações até o fim da gestação. Então segui corretamente todas as instruções e tomei medicações no horário certo! Quando eu estava com 41 semanas e 3 dias de gravidez, fui ao médico e ele disse que eu estava com 3 centímetros de dilatação. Após 5 horas, senti minha bolsa estourando e um líquido verde saindo! Meu marido e eu corremos para a maternidade, onde fui encaminhada com urgência para sala de cirurgia, pois corriamos risco de vida, uma vez que foi um parto com meconígio, e foi feito o parto cesariano.

Então nasceu Nicolas Gabriel, pesando 4,980. Assim que nasceu, ele estava bem roixinho, foi levado para o capacete com oxigênio e ficou umas 5 horas lá mais ou menos. Nesse tempo, meu coração ficou muito angustiado, pois queria muito ver meu filho e estava muito preocupada com a situação, até que a enfermeira veio e me acalmou, dizendo que ele iria comigo para o quarto!

E realmente ela o levou para mim. Ele começou a mamar pela primeira vez, e isso me deixava tão feliz! Ainda estávamos internados quando veio uma médica examiná-lo e falou que havia identificado algo estranho na ausculta dele! Eu me assustei muito, fomos levados ao cardiologista e ele identificou que Nicolas tinha um sopro no coração e teria que tomar medicação até fechar e, se não fechasse, teríamos que fazer uma cirurgia nele.

Todos os dias sem falta, eu dava a medicação dele sagradamente. Aos 9 meses de idade, fizemos uma consulta com cardiologista e, por uma ultrassom, descobrimos que o buraquinho do coração tinha fechado! Essa notícia nos deu uma alegria enorme, pois ele não precisaria mais tomar medicações.

Nicolas Gabriel sempre foi uma criança muito sorridente, chorava apenas quando estava com dor ou fome. Seus primeiros meses de vida foram desafiadores, como uma criança normal. O aleitamento materno foi exclusivo até os 6 meses de idade.

Depois desse período, comecei a introdução alimentar, primeiro com frutinhas – a cada semana, eu inseria 2 frutinhas diferentes, para ver se agradava o paladar dele, mas nada! Ele sempre vomitava tudo. De toda forma, continuei a oferecer sem desistir e foi assim por meses. Eu achava aquilo estranho, uma vez que ele não gostava de nenhuma fruta.

Em relação às comidinhas salgadas, ele teve uma boa aceitação. Levei-o ao médico e o profissional me disse que essa situação era normal, que poderiam haver alimentos mais ou menos tolerados pela criança. No entanto, eu estava desconfiada com a situação, fiquei me questionando se não poderia ser seletividade alimentar.

Mais para frente, com 11 meses de idade, outro quadro se apresentou. Nicolas não falava mamãe e nem papai, tampouco falava palavras básicas que todo bebê começa a falar. Isso me deixou alerta, mesmo as pessoas ao redor

dizendo que isso era normal, que meu filho poderia ter o tempo dele. Nesse contexto, eu ainda tinha minhas dúvidas, mas, mesmo desconfiando disso tudo, esperei um tempo para procurar ajuda.

Aos 3 anos de idade, eu queria dar um basta na situação que estávamos vivendo! Eu o ouvia balbuciar apenas e nada de falar. Dessa forma, levei-o ao neurologista. Esse profissional o diagnosticou com autismo, analisou o Nicolas, observou como conversávamos com ele, percebeu que ele não mantinha contato visual com ninguém!

Com esse diagnóstico, saí de lá muito triste! Mais triste ainda me senti porque minha intuição estava correta o tempo todo! Não chorei, pois não resolveria a situação, mas saí daquele consultório pensando em como iria ajudar meu filho. Saí me questionando sobre quem eu poderia procurar e a quem eu poderia recorrer. Foi, então, que uma amiga falou que tinha um grupo de pais de autistas e esse grupo poderia me ajudar com algumas informações. Acalmei meu coração e fiquei super feliz com isso.

Rapidamente ela me passou o contato. Em poucos minutos, fui adicionada ao grupo e isso foi de muita ajuda para mim. Eu já pagava o plano de saúde, então me foi orientado que seria possível levar o laudo do meu filho e fazer as solicitações das terapias. Assim o fiz, mas o atendimento foi negado!

Nessa condição, entrei em um confronto via forma judicial. Em um mês, saiu a resposta do juiz, que concedeu o pedido e assegurou o direito de tratamento para meu filho. Na mesma semana, ele começou as terapias. Como aquele mundo era novidade, houve resistência por parte do Nicolas, ou seja, ele não queria estar nas terapias, não queria fazer as atividades, ficou agressivo, queria bater nas pessoas, não queria fazer as demandas solicitadas. Cada dia era um desafio diferente!

Houve muitas reclamações das assistentes terapêuticas. Houve uma indicação de que meu filho deveria passar por avaliação para ser medicado, com a finalidade de ficar mais calmo e poder aderir às atividades. Assim o fizemos. Nicolas começou a tomar uma medicação que todo autista começa a tomar com uma dose mínima. Após alguns dias, houve resposta positiva e ele teve efeito na adaptação. Nicolas começou a mudar a forma acelerada de agir.

Como nem tudo são flores, muitas vezes ainda havia instabilidade em seu comportamento, ele desregulava e tinha muita estereotipia. Eu sempre precisava ir buscá-lo, pois ele não queria aceitar fazer uma ou outra atividade. Era um desafio diário, mas me fez ver o quanto ele precisava da minha ajuda.

Eu sempre tive medo por ele ser tão inocente e as pessoas se aproveitarem disso para fazer algum mal a ele. Assim, colocava todo meu empenho e cuidado na dinâmica do dia a dia. Hoje entendo que temos que preparar eles para o mundo, pois o mundo ainda é muito cruel com as pessoas!

Na escola tudo é muito novo para ele, sei que o lema agora é inclusão, mas será que em todos os lugares há inclusão? Será que a inclusão realmente acontece? O estado de Roraima oferece uma pessoa (cuidadora) para cuidar do seu filho especial dentro da escola e isso é uma forma de ajuda muito importante, já que o auxilia a ser inserido na sociedade! Isso viabiliza que ele participe de todas as atividades que crianças não atípicas fazem!

Mesmo assim, os medos e inseguranças sempre existem e vão existir, pois uma mãe quer o melhor para seu filho. Então, quem sabe, uma maneira de ajudar mães atípicas a passarem por essas fases é fomentar a possibilidade de acesso à ajuda psicológica. Nesse sentido, o governo deveria olhar mais para nós mães que sofremos com toda a carga emocional, e precisamos desse tipo de apoio.

Apesar de tudo e de tantas coisas que já passei sendo mãe atípica, uma vitória foi ver o meu filho começar a falar frases completas aos 5 anos de idade. Isso para mim foi maravilhoso: ouvir o primeiro *mamãe*, o primeiro *eu te amo*, foi lindo! Tudo isso só me deu vontade de lutar mais e mais por ele. Um conselho que dou para uma mãe atípica é: apesar das dificuldades, nunca desista do desenvolvimento do seu filho, pois o potencial dele é enorme!